



MUSEU DO ÍNDIO

# MUSEU AO VIVO

ANO V

Nº 12



MAIO A DEZEMBRO / 94



Foto: Goretti Moreira

## Índios Guarani Comemoram no Rio Demarcação de suas Terras (pág. 3)

Índios da Aldeia Sapukai  
em Bracuí, Angra dos Reis

## Pesquisa Indígena: Instrumentos Musicais — Veículos de Comunicação com a Natureza e o Universo Mítico (pág. 3)

### Editorial

## Museu do Índio: 70% já recuperado

O Museu do Índio realizou, durante o ano de 1994, conquistas importantes para a reabertura de seu espaço e a ampliação de seu potencial de atendimento ao público.

Em abril, por ocasião dos eventos relativos ao Dia do Índio, o Museu contou com a visita de, aproximadamente, seis mil pessoas, em sua maioria estudantes de primeiro grau. Além de visita orientada a quatro mostras temporárias, os estudantes participaram de sessões com contadores de histórias, oficinas de pipas e peças infantis. Também, em abril, o Museu teve seu espaço ocupado pelos índios. A Associação Kura-Bakairi (MT) realizou duas apresentações de dança, enquanto um grupo de mulheres indígenas, sobretudo do Nordeste, apresentou a dança do Toré como parte dos eventos de abertura e encerramento do I Seminário

de Saúde da Mulher Indígena, organizado pelo Grupo Mulher Índia - Grumin.

A partir daí, o Museu do Índio concentrou seus esforços na recuperação de seu espaço original de exposição, dos jardins e da parte externa do prédio. Hoje, conta-se com 70% da área total já recuperada. Buscou-se, ainda, reequipar alguns Serviços, como o de Museologia com a aquisição de estanterias em ferro para o acondicionamento de peças etnográficas e com o desenvolvimento de estudos para a informatização do acervo.

Assim, o Museu do Índio buscou recuperar suas instalações e serviços, tarefa ainda não totalmente realizada, que persistirá no próximo ano, a fim de resgatar para a população carioca mais um espaço cultural e exibir com dignidade o precioso e exclusivo patrimônio das sociedades indígenas brasileiras.



Foto: Lamônica

Mostra de pipas em abril passado, no Museu do Índio, quando o artista popular Zeca das Pipas expôs sua concepção sobre os Índios

## Em Foco

### Tupi-Guarani : Língua ou Família

Os lingüistas utilizam o critério genético para classificar as línguas. As que possuem uma origem comum (anterior) são reunidas numa classe denominada de família. Por sua vez, as famílias que apresentam uma afinidade comum são agrupadas em um outro conjunto chamado de tronco.

Como exemplo, a língua Guarani com seus principais dialetos - Kaiová (MS), Nhandeva (MS, PR e SP) e Mbyá (ES, PR, RJ, RS, SC e SP) - que pertence à família Tupi-Guarani e ao tronco lingüístico Tupi.

Existem 21 línguas vivas da família Tupi-Guarani no Brasil, faladas por cerca de 33 mil pessoas, sendo que, aproximadamente, 14.148 índios se expressam em Guarani.

## Opinião

### A Fome entre os Povos Indígenas

*Ricardo Verдум\**

Há povos indígenas passando fome hoje no Brasil? Por mais que para muitas pessoas esta pergunta possa parecer estranha, mais estranho elas vão achar quando constatarem que a resposta é positiva e que não são poucos os povos que estão nesta situação. Vejamos, por exemplo, o que tem a nos dizer o primeiro **Mapa da Fome entre os Povos Indígenas**, documento produzido pelo Instituto de Estudos Sócio-Econômicos/INESC e apresentado, em julho último, na I Conferência Nacional de Segurança Alimentar em Brasília.

Cobrimo um total de 128 "áreas indígenas" - sendo 112 em processo de reconhecimento por parte do governo brasileiro (19,75% em relação ao número oficial de "áreas indígenas") - e uma população total de 129.858 indígenas (48% da população indígena se tomarmos a (sub) estimativa oficial), no referido documento, concluiu-se que pelo menos 28,27% da população indígena no Brasil está com dificuldades para garantir com segurança um bom padrão alimentar e de saúde.

As situações mais críticas foram encontradas entre os povos indígenas da Região Nordeste e da Região Centro-Sul (Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). No caso da Região Nordeste, de uma população de 47.824 indígenas cobertos pelo levantamento, 40.130 (83,91%) foram incluídos na faixa da população que estaria encontrando dificuldades sérias de sustentação alimentar. Na Região Centro-Sul, os "números da fome" atingem pelo menos 60% da população.

Um outro fato importante apontado por este levantamento foi que, ao se olhar mais atentamente caso a caso na listagem de "povos/áreas indígenas", verifica-se que, primeiro, de um total de 76.272 indígenas, incluídos na "faixa da fome", 48,82% vivem em áreas indígenas reconhecidas pelo Estado brasileiro através de decreto presidencial (homologadas). Segundo, que esta situação deve-se, em sua maioria, à reduzida dimensão das "áreas indígenas", acrescido das diferentes formas de intrusão e de depredação do meio ambiente por diferentes agentes da sociedade "envolvente" (Estado e segmentos da sociedade brasileira).

Ainda que possa conter distorções "etnocêntricas" ou venha a gerar ou ser utilizado em novos processos de intervenção e de dependência nestas sociedades, penso que, através deste documento, tenha ficado visível não só o quão frutífera pode ser esta abordagem da "questão indígena", mas também a importância deste estudo para o processo de reformulação da política indigenista brasileira e de incorporação, na prática, dos avanços obtidos na Constituição de 1988.

\* Mestrando em Antropologia/UNB e Consultor do INESC

## Informe MI



Palador e cesto Baniwa (AM) e pião Xavante (MT)

Foto: Lamônica

### Cenas do Cotidiano Indígena no Museu do Índio

Em destaque, como nova opção de cultura para a população do Rio, a reabertura, recentemente, de mais três salas de exposição do prédio central do Museu do Índio. Com duração prevista até abril próximo, a mostra "Cenas do Cotidiano Indígena" ocupa parte do casarão que abriga o Museu até que, completa a restauração do prédio, nele se monte a exposição permanente. São peças em cerâmica, madeira, palha, fibra e plumária, utilizadas nas tarefas de diferentes grupos indígenas.

## Expediente

Jornal Museu ao Vivo - nº 12 - Ano V - abril a dezembro / 94

Editado pela Comunicação Social  
Serviço de Atividades Culturais e  
Divulgação  
Museu do Índio  
Fundação Nacional do Índio

Presidente da Funai:  
*Dinarte Nobre de Medeiro*

Diretor do Museu do Índio:  
*Jussara Vieira Gomes*

Chefe do Serviço Administrativo:  
*Rosilene Andrade Silva*

Jornalista:  
*Cristina de Jesus Botelho Brandão*  
reg. prof. 18.678

Consultora Técnica:  
*Aniza Nazareth de Almeida*  
(antropóloga)

Técnico de Laboratório:  
*João Domingos Lamônica*

Digitação Eletrônica:  
*Elizabeth Toledo e Cristina Botelho*

Distribuição Gratuita

Apoio Cultural:  
Editora EXPRESSÃO E CULTURA —  
Exped Ltda.

Museu do Índio  
Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo  
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270-070  
Tels.: (021) 286-2097 e 286-8899  
Telefax: (021) 286-0845  
Telex: 37091

## Vitória Guarani

Cinquenta representantes de 26 comunidades indígenas Guarani participaram da V Assembléia Nacional da Nêmoaty Guasu Guarani, de 20 a 25 de setembro passado, realizada na Aldeia Sapukai, no município de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. A assembléia da Vitória - como foi chamada pelas lideranças de sete estados brasileiros (ES, RJ, SP, MS, PR, SC e RS) e da Argentina, Paraguai e Uruguai - comemorou a demarcação da Área Indígena Guarani de Bracuí. A questão da terra foi tema central durante os debates.

Essa foi a primeira vez que uma Assembléia Geral do povo Guarani contou com a participação de lideranças Guarani de países vizinhos. Estiveram presentes, também, no último dia do Encontro, a diretora do Museu do Índio, Jussara Vieira Gomes, o prefeito de Angra dos Reis, Luís Sérgio Nóbrega de Oliveira, o presidente do Conselho Indigenista Missionário/Sul, Clóvis Briguent, a antropóloga Sheila Sá, chefe da Seção de Projetos e Convênios do Museu do Índio (autora do parecer favorável aos estudos de identificação/delimitação da Área Indígena Guarani de Bracuí, publicado no Diário Oficial da União em 16 de março de 1994), entre outros. Na ocasião, houve a entrega simbólica de mudas de eucalipto à comunidade de Sapukai, para reflorestamento das áreas desmatadas do local e contenção de encostas, e de peixes para o projeto de criação da espécie em aquário com fins alimentícios.

O documento final do encontro revela que a situação geral das terras Guarani continua dramática, apesar de os direitos indígenas estarem garantidos na Constituição. Divulga, ainda, um levantamento realizado em todas as comunidades Guarani, que aponta 38 terras sem providências, 15 identificadas, duas delimitadas, oito demarcadas, 11 homologadas e 15 regularizadas. Outro item do documento é o esforço para a organização do Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas no Brasil. Os índios exigem, ainda, a aprovação no Senado do Projeto de Lei do Novo Estatuto do Índio.

A aldeia Sapukai tem hoje uma população em torno de 208 habitantes numa área de, aproximadamente, 2.105 hectares. São cerca de 100 adultos e 108 crianças de até 16 anos.

## Um Chá bem Brasileiro

Conta a história que o chá, uma infusão feita das folhas de uma planta indiana, foi preparado pela primeira vez há três mil anos. Para quem tem tanta idade, o chá está mais atual do que nunca. Adequado ao estilo de vida naturalista, beber chá é hoje uma atitude inteligente. Até chegar ao Brasil, a bebida passou pelo Oriente, indo do Japão à Índia e de lá para a Inglaterra. Conquistou o paladar ocidental. Por aqui, são chamadas de chá todas as misturas de água fervida com plantas, frutas, raízes e folhas. Mas sucesso mesmo quem faz são as ervas, em especial uma delas: a erva-mate.



Quem primeiro descobriu as delícias do mate foram os índios Guarani. Acostumados a usufruir da natureza como fonte de alimentação e de vida, os índios atribuíam à erva poderes curativos e acreditavam no líquido como renovador das forças. E, exatamente como acreditavam esses primeiros consumidores de erva-mate, o chá mate é de fato um excelente revigorante. Rico em sais minerais (cálcio, ferro, magnésio, sódio, potássio e outros) e vitaminas (B, C, D e E), o chá de erva-mate diminui a sensação de fome e é digestivo e diurético, sendo indicado para dietas. O chá de erva-mate também provoca a vasodilatação, sendo muito bom para as pessoas com problemas de pressão alta. Quem acha que o chá mate é calmante, está redondamente enganado. É estimulante, e dos bons. O consumo frequente amplia a capacidade respiratória, ajuda no combate à anemia e à depressão. Hoje em dia o mate é consumido em larga escala, sendo a LEÃO JÚNIOR a principal produtora e líder no mercado com a marca MATTE LEÃO.

A erva-mate pode ser consumida verde (na forma de chimarrão) ou tostada (como chá quente ou gelado). Na LEÃO JÚNIOR, os cuidados com o produto começam com o cultivo da erva, planta nativa da região Sul do País, que cresce consorciada aos pinheiros do Paraná, as chamadas *Araucárias angustifolias*. A tecnologia entra em cena na fábrica da empresa, onde a erva-mate serve de matéria-prima para diferentes versões de chá: a granel, solúvel, mix, em saquinhos (*tea bags*) e ainda em copinhos, prontos para beber. Hoje, MATTE LEÃO é sinônimo do mais brasileiro dos chás, felizmente descoberto pelos índios, consagrando a erva-mate como uma das delícias de nossa terra.

## PESQUISA INDÍGENA

### Instrumentos Musicais: Veículos de Comunicação com a Natureza e o Universo Mítico

\* Ione Helena Pereira Couto

O Museu do Índio é a única instituição científica no País que tem como orientação o estudo e a divulgação dos grupos indígenas brasileiros. Sua coleção etnográfica conta, hoje, com 14 mil peças da cultura material indígena, divididas em várias categorias ergológicas. Entre elas, a de instrumentos musicais e de sinalização, composta por 463 objetos, sendo que parte destes serviu de fonte primária para a musicóloga Helza Cameu escrever o livro "Introdução à Música Indígena Brasileira", publicado em 1977. Tal obra foi utilizada para a reformulação da classificação então adotada pelo Museu do Índio.

Em 1989, Berta G. Ribeiro lança o "Dicionário do Artesanato Indígena", cujo capítulo referente aos instrumentos musicais foi elaborado a partir dos estudos de Elizabeth Travassos (1986: 180-188). Com o auxílio deste Dicionário, o Museu do Índio inicia a nova revisão das fichas técnicas de seu acervo, implantando a nova nomenclatura e ampliando as descrições dos objetos, objetivando melhorar o antigo fichário técnico dos instrumentos musicais deixado por Helza Cameu, quando de sua pesquisa no acervo do Museu do Índio. Os instrumentos musicais foram colocados em quatro grupos genéricos: os aerofones (apitos, flautas, trompetes e zunidores), os cordofones (arco musical e viola), os idiofones (bastões de ritmo e chocalhos) e os membráfonos (tambores de pele e de cerâmica).

Com a revitalização do Museu do Índio, após dois anos de atividades interrompidas, o Serviço de Museologia retoma os trabalhos de revisão e classificação do seu acervo etnográfico e para começar elegeu o acervo de instrumentos musicais. Um dos motivos que também pesaram nesta decisão foi a consulta a esta instituição, pelo Instituto para Estudos Etnológicos e Musicológicos de Colonia, Alemanha, sobre o referido acervo.

Analisar o sistema cultural de cada grupo, objetivando entender como um determinado instrumento musical se insere naquele contexto, é fundamental para entendermos o porquê de sua morfologia, do seu material de fabricação e de suas fases de montagem. Estes conhecimentos dependem de um conjunto de fatores que precisam ser pesquisados, pois a documentação sobre a música instrumental ainda é bastante pobre e, em geral, dá impressões circunstanciais, aparecendo mais como revelações isoladas.

Com exceção dos instrumentos de percussão, utilizados com a finalidade de disciplinar os movimentos das danças ou sublinhar a linha de canto, pouco se conhece sobre a manifestação da música instrumental, incluindo sua função social e normas de confecção e execução dos objetos. Acreditamos que os instrumentos musicais têm que ser considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores de relações

sociais. De um lado, eles são resultados de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (este nível de realidade está em grande parte presente, como informações, na própria materialidade do objeto). De outro lado, eles canalizam e dão condições para que se produzam e se efetivem, em certas direções, as relações sociais. Até o presente momento, desconhece-se qualquer pesquisa abrangendo manifestações vocais e instrumentais de maneira a permitir um juízo do assunto. Em função disso, faz-se necessária a complementação do atual sistema classificatório com outros dados: sonoros, visuais e descritivos. Contidos num arquivo de catalogação, dariam acesso simultâneo a todas as informações disponíveis sobre o instrumento e a sua função social.

A apresentação deste universo "musical", oriundo dos grupos indígenas brasileiros e pertencente ao acervo do Museu do Índio, demonstra que o instrumento tem uma origem, uma razão, uma finalidade. Por isso, sendo sonoro ou musical, ele infalivelmente conta uma história, o que lhe dá uma função específica, que se vincula às origens do povo que o produz e à existência e perpetuação de sua cultura.

\* Ione Helena Pereira Couto  
Chefe do Serviço de Museologia do Museu do Índio

## Entrevista

com *Marlui Miranda* \*

**MV - Por que o seu interesse na música indígena?**

MM - Há razões diversas para o meu interesse, diria melhor, motivação. Razões estéticas, razões de desvendar um mundo novo, de colaboração, razões de ancestralidade. Tudo isso é um sentimento só. O que sempre me perguntam é se canto música indígena porque sou descendente, e de fato sou. O fato é que me sinto integrada e elevada interpretando-a ou recriando-a, e admiro igualmente os músicos indígenas interpretando os instrumentos e cantos. Música indígena é a música que canta a vida. O cotidiano é um fator de preservação de identidade. Ela é eterna. Ela transita de uma tribo para outra, vem pelo mundo dos sonhos, vem através dos espíritos, e traz a emoção genuína dos povos indígenas desde tempos imemoriais. É uma escola de vida. É outra escola de música. É preciso modificar conceitos tradicionais para poder interpretá-la. Através dos cantos, a gente conhece a história da tribo, as suas mudanças, as suas lutas. A música indígena representa a própria força da vida, e esta força extraordinária me motivou, o que é muito mais do que simples interesse.

**MV - Como é a relação do seu trabalho com o universo dos sons indígenas?**

MM - Aprendi a interpretar canções indígenas depois de anos de pesquisa, estudo da pronúncia, permissões para interpretar as canções. Foram muitos anos de trabalho, para aprimorar as peças. Incorporei algumas canções aos meus discos, "Olho D'Água" (Grupo Krahó, uma reinterpretação), "Revivência" (*On Ga Ka*, uma canção Suruí). Transcrevi cantos tribais para coral num extenso trabalho. Aprendi a tocar flauta *Kulutá* com Yanono Mehinaku, que é um extraordinário músico, e tambor *Wakā*, observando os Páca Novos Tempati e Ricardo Onoram.

**MV - Você já esteve em áreas indígenas? Como foi a sua experiência?**

MM - Só estive entre os Suruí e os Macurap e Jaboti de Rondônia. Foi muito bom para o meu relacionamento, porque foi baseado em música. Fiquei pouco tempo entre os Jaboti/Macurap, mas o suficiente para participar de uma festa de *Timbó*. A festa durou alguns dias e aprendi, naquela época, alguns cantos inesquecíveis. Estive por um tempo mais longo entre os Suruí.

Cheguei na aldeia, no Sete de Setembro (*Nambecódabadaqui*), no Parque do Aripuanã, já conhecendo uma canção Suruí. Nunca deve ter aparecido por lá um branco interpretando música Suruí, pelo menos naquele tempo, 1978. Foi um agito! Aí decidi ampliar o meu repertório da música Suruí, porque se cantava tão lindo em todos os momentos. Terminei participando de um *Hoeiete* para o filho de Yptabira que estava doente e passando noites na maloca, ao pé do fogo, ouvindo relatos de mitos pelos mais velhos. Nunca vou esquecer a voz meiga das mulheres sussurrando no meu ouvido, falando: "*Beá, a pura merewá*".

Convidei alguns Suruí a participarem de meus shows ("Beá esteve na festa dos Suruí, agora Beá convida para a festa dela") e foi a primeira vez que eles se apresentaram em público. Foi no Centro de Convivência de Campinas, um grande teatro, em 1982. O prefeito de Campinas recebeu os chefes Suruí, numa atitude elegante. Foram filmados pela TV Globo, depois participaram de entrevistas. Yptabira, Anine e Idiamaga cantaram, e foi lindo. No show seguinte, levaram suas esposas (Yptabira, o mais rico, tinha mais esposas). Também foram entrevistados por várias emissoras de rádio e TV. Assim fiz o possível para retribuir à gentileza com que eles me receberam na aldeia e, sempre que puder e estiver ao meu alcance, vou prestigiar a música e os músicos indígenas.

**MV - Quais são os seus atuais projetos para a divulgação da música indígena?**

MM - Por enquanto, estou tentando terminar um projeto musical, um CD somente com interpretações e músicas indígenas. Gostaria de publicar as partituras que já estão escritas.



Foto: Gai Oppido

\* Marlui Miranda, musicista cearense, é reconhecida como pesquisadora, intérprete e arranjadora da música indígena brasileira. De 1990 a 1992, trabalhou como supervisora geral, pesquisadora e solista para o cinema, no filme "Brincando nos Campos do Senhor", de Hector Babenco.

**IMPRESSO**